

AS ZUNGUEIRAS NA PONTA DA CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE MERCADORIAS: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DA ECONOMIA INFORMAL EM ANGOLA¹

Belina Loth Nahana²

RESUMO

O objetivo deste estudo, é analisar a participação das *Zungueiras* nos circuitos inferiores da economia angolana, no qual se compreendeu que essa está cada vez mais alinhada aos circuitos inferiores da economia, sendo uma parte invisível que contribui para retroalimentar as cadeias globais de valores (CGV). Deparou-se a excessiva demanda por produtos manufaturados, a exemplo de produtos (têxteis, eletroeletrônicos), que no bojo do circuito inferior da economia são escoados por retalhistas aos consumidores finais. Conclui-se que a falta de diversificação econômica e escassez de infraestruturas representam os grandes entraves à economia angolana, comprometendo *upgreding* das empresas nacionais em competitividade nas cadeias globais de valores (CGV). A despeito disso, abre-se espaço para a chamada nova informalidade, fazendo aumentar o número de *Zungueiras* a ocuparem a função de espalhadoras de mercadorias aos consumidores finais. Foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica, e pesquisa documental, de modo considerar escassez de estudos relacionada a circuitos inferiores da economia urbana.

Palavras-chave: trabalho informal - Angola; mulheres comerciantes; zungueiras; setor informal (Economia).

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the participation of *Zungueiras* in the lower circuits of the Angolan economy, in which it was understood that the economy of Angola is increasingly aligned with the lower circuits of the economy, being an invisible part that contributes to feed back the global value chains (GVC). It was found that the excessive demand for manufactured products, such as products (textiles, electronics) that in the bosom of the bottom circuit of the economy, are sold by retailers to end consumers. It is concluded that the lack of economic diversification and shortage of infrastructures represent the major obstacles to the Angolan economy, compromising *upgreding* of national companies in competitiveness in global value chains (GVC). Despite this, there is room for the so-called new informality, making the increase in the number of *Zungueiras* to occupy function of goods spreaders to end consumers. The methodology of qualitative research was used, with bibliographic review, and documentary research to consider scarcity of studies related to lower circuits of urban economy.

Keywords: informal work - Angola; women traders; street vendors; informal sector (Economy).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Relações Internacionais, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz.

² Bacharela em Humanidades e Bacharelada em Relações Internacionais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a participação das *Zungueiras* nos circuitos inferiores da economia angolana e, de igual modo, intenta compreender quais os impactos das agências de mulheres no processo de desenvolvimento econômico no país. Ademais, buscou-se trazer à luz as potencialidades do país, a exemplo de recursos minerais, que além de ser rentáveis quando bem explorados e comercializados, são potenciais fontes de geração de empregos e renda para a sociedade, pois os recursos exigem a qualificação e aumento na contratação de força de trabalho em diversos segmentos da economia, a exemplo de muitas economias, como as emergentes, bem como os que se encontram ainda numa estrutura inferior do processo de desenvolvimento econômico. Não obstante, alguns estudiosos têm insistido em associar a industrialização com as infraestruturas e ao desenvolvimento, e consequentemente a ausência dela ao subdesenvolvimento com os circuitos inferiores da economia predominante nos países periféricos e semiperiféricos.

Assim sendo, é de fundamental destacar que dadas as estruturas decorrentes da colonização, somadas à política de ajustamento estrutural fundamentada no neoliberalismo econômico, observou-se que em Angola o desestímulo no investimento público e de políticas públicas, falta de contratação de servidores públicos, coincide curiosamente com o aumento exponencial de comércio informal. Contudo, é importante ressaltar que não se trata de uma relação de causa e efeito direto entre as crises socioeconômicas e a informalidade, uma vez que a economia tradicional é o *modus vivendi* ancestral da economia africana. A ausência de elementos públicos coincide com o aumento da economia informal.

Nesse ínterim, escancarou-se a extração de recursos minerais que continuam sendo escoados em rios, portos e estradas a partir de infraestruturas sistematizadas voltadas à metrópole, sendo o petróleo o principal *comodities*. A presença de capitais (empresas) estrangeiros em Angola e demais países, em especial as metrópoles portuguesas, era uma das razões pelas quais a colonização de tornou para o colonizador o lugar de extração de recursos, conforme destaca Visentine (2008, p. 126), quando diz que “Portugal, que servia de “testa de ferro” aos interesses econômicos transnacionais, recusou-se a independizar Angola”. Ademais, outro fator que pode ter contribuído para o aumento de chamada nova informalidade (Druck *et al.*, 2004 *apud* Vaz, 2018, p. 97) após independência pode ter sido a implementação do estado mínimo na economia, com a redução de políticas públicas em setores essenciais, tais como agricultura, indústria, somada ao enxugamento do funcionalismo público, fazendo com que uma parcela da população fosse obrigada a se deslocar para o setor

da economia informal. Contudo, não se pode simplificar a atividade das *zungueiras* aos efeitos provocados pelo desemprego estrutural. Trata-se de uma complexidade de situações, incluindo indivíduos que retomam atividades outrora exercidas por seus avós, carregadas de experiências culturais ancestrais, apontadas como 'velha informalidade' ou 'informalidade tradicional', um cluster na geração de emprego e renda, como exposto acima.

Nesse contexto, faz-se jus ressaltar que, com a crescente integração do país na economia global e da divisão internacional do trabalho, é fundamental lançar a pergunta de partida, qual seja: qual a função das *zungueiras* nos circuitos inferiores da economia e o seu impacto socioeconômico angolano?

A escolha desse tema se justifica pela necessidade de dar voz às *zungueiras* na economia angolana em relação à importância do setor informal no país, representando uma parcela significativa da atividade econômica e do emprego informal e sendo a parte constituinte do mercado informal, da economia familiar, que em prática desempenha um papel fundamental para a população de baixa renda, a qual demanda por bens e serviços não supridos pelo mercado formal.

Foi realizada a metodologia de pesquisa qualitativa, baseada na revisão bibliográfica, e pesquisa documental, reunindo as fontes primárias e secundárias vinculadas à tipo de serviços comerciais utilizados pelas *zungueiras* de forma a viabilizar a confecção da pesquisa. Dessa forma, o objeto está relacionado a múltiplas áreas de conhecimentos, exigindo a necessidade de um diálogo abrangente, transversal e interdisciplinar, tais como: economia política, sociologia, sociologia econômica, geografia (geografia de petróleo), relações internacionais e humanidades. Assim, importa ressaltar que sujeitos desta pesquisa estão inscritos como representantes de uma identidade de trabalho não tipicamente capitalista, sendo aquelas atividades muito embora não estabelecidas nas superestruturas da globalização, não *establishment*, mas que, em prática, não atendem à realidade de muitos países em processo de desenvolvimento econômico, geralmente aos indivíduos dos países menos industrializados, a exemplo das periferias do sul global, como Angola e outros países africanos. Dada a questão epistemológica, o paradigma de dependência (Rodrigues, 2009, p. 30-33) e o da interdependência (Rodrigues, 2009, p. 36-37) são importantes para compreender o lugar das *zungueiras* no sistema internacional. Por essa razão, se torna útil para analisar a conexão entre econômicas centrais e as chamadas periferias. Assim, o primeiro (paradigma da dependência) tece uma crítica ao desenvolvimento econômico e social e destaca a existência de contradições no nível dos atores transnacionais, entre dominantes e dominados, exploradores e explorados, que são plausíveis, enquanto sempre há um perdedor dentro da divisão

internacional do trabalho. O segundo (paradigma interdependência) desafia as visões tradicionais do realismo, explica que os atores não estatais estão conectados com sociedade civil, múltiplas redes sociais, e que o advento da “sociedade global”, impulsionado pela produção em escala industrial, deslocou a dinâmica e o ritmo de produção para outras esferas, inclusive o setor de serviços, o que não exclui as atividades informais.

O artigo está estruturalmente dividido em 5 (quatro) subcapítulos: o primeiro, acima exposto, é a parte introdutória sobre o objeto de pesquisa, e a escolha da temática, os procedimentos metodológicos, a pergunta de partida (problema de pesquisa; o segundo realiza um diagnóstico acurado, a centralidade da zungueira na economia informal e de subsistência angolana; o terceiro subcapítulo faz a contextualização demográfica e panorâmica da economia angolana; o quarto aborda a (inter)dependência e a negociação para além do xadrez convencional; o quinto subcapítulo analisa circuito informal da economia e globalização; e por fim, fazem-se as considerações finais.

2 A CENTRALIDADE DA ZUNGUEIRA NA ECONOMIA INFORMAL E DE SUBSISTÊNCIA ANGOLANA

O termo "zungueira" tem origem na língua Kimbundu e significa circular, rodear ou girar. É utilizado para identificar os vendedores de rua em Angola, que percorrem as ruas, bairros e mercados vendendo produtos, muitas vezes carregando uma bacia na cabeça. Essa prática evoluiu ao longo dos anos, adaptando-se à sociedade (Sousa, 1967). Chivinda (2015), descreve a Zungueira como uma mulher que arrisca a vida para dar dignidade a outros, sem outra motivação senão ajudar aqueles que lhe foram confiados. Ela equilibra o peso sobre a cabeça, com filhos nas costas e às vezes no ventre, sob o sol escaldante.

Monteiro (2012) discute a realidade da cidade de Luanda até 2002, onde a superpopulação causou a aglomeração de famílias devido ao deslocamento de membros de guerra. Isso resultou na degradação da infraestrutura social e condições sanitárias insuficientes. O Estado precisou intervir para reassentar a população deslocada, sendo que parte dela preferiu ficar em Luanda. Para sobreviver, muitos desempregados se tornaram "zungueiras", realizando atividades informais para gerar renda. Esse cenário é comum no país atualmente. Nzatuzola (2006), a concentração populacional nos centros urbanos e a luta pela sobrevivência contribuíram para a expansão da atividade informal nas principais capitais das províncias de Angola. O cenário atual favorece o crescimento dessa atividade, devido à alta

taxa de desemprego. O setor informal é dominado por vendedores pobres em situação de auto-emprego, mas também inclui elementos mais ricos da sociedade angolana).

A questão do trabalho e suas formas de manifestações são complexas nas periferias do capitalismo. André (2022, p. 14), aborda que “[...] *zungueiras* é o nome dado às mulheres vendedoras ambulantes do mercado informal angolano, que percorrem quilômetros diariamente, buscando comercializar diversos produtos, tais como: alimentos, utilidades, acessórios e vestimentas”. As *zungueiras* são mulheres que trabalham como vendedoras ambulantes em Angola, desempenhando um papel fundamental nos círculos mais baixos da economia do país. Enfrentam desafios como condições de trabalho precárias, violência urbana e discriminação, mostram resiliência na sua busca pela vida e para melhorar as suas vidas. Muitas vezes, organizam-se em associações para lutar pelos seus direitos. Revelam uma complexidade do mercado informal em Angola, no qual o trabalhador contribui para a economia local e estimula o comércio de rua. É uma modalidade comumente analisada de caráter interdisciplinar, considerando condições de trabalho, gênero, impacto econômico e social, organização e resistência. Seu trabalho não é valorizado na sociedade angolana. Vinevale (2021) destaca que as mulheres enfrentam disparidades e opressão decorrente do patriarcado, devido uma sociedade desigual que não valoriza suas atividades, levando à marginalização e exclusão dessas. Conforme Vinevale:

As mulheres têm dado um grande contributo para o desenvolvimento da sociedade civil em Angola, as organizações de mulheres têm trabalhado para a criação de um processo de dinâmica social que contribui para o despertar da consciência pública para as questões da paz e da participação, para os problemas enfrentados pelas mulheres na sociedade angolana e para a inclusão da mulher no mercado de trabalho em condições de justiça e igualdade (Vinevale, 2021, p. 13).

É notável a contribuição dada pelas mulheres para o desenvolvimento de Angola em diversos âmbitos da esfera da sociedade quer seja na economia, cultura-social e política. Conforme Vaz (2018, p. 77), “[...] as mulheres utilizam seus rendimentos sociais e econômicos para criar arranjos de solidariedade que convertem capital social e econômico, promovendo o desenvolvimento de novas economias de subsistência”. Nessa mesma linha de raciocínio, Segunda (2023) assevera que, durante muitos anos, as mulheres foram invisibilizadas e tiveram seus direitos negligenciados, apesar de suas contribuições desde tempos antigos. A luta feminina por igualdade de gênero existe há muito tempo, mas a realidade da paridade de gênero tem se tornado mais ativa recentemente. Desigualdades

socioeconômicas, como a falta de acesso à educação formal, e o patriarcado cultural, que limita as mulheres a papéis domésticos e relacionados ao trabalho, são exemplos disso.

Figura 1 - Mulher zungueira: o reflexo da economia angolana



Fonte: Ver Angola (2016).

A presença feminina em alguns espaços públicos na comunidade angolana ainda não resolve todas as disparidades de gênero no local de trabalho. Apesar das dificuldades, as mulheres *zungueiras*, por exemplo, desempenham um papel fundamental no crescimento econômico de Angola, seja nacional ou internacionalmente. Segundo Ducados e Ferreira (1998), as mulheres em áreas periurbanas em Angola desenvolveram estratégias de sobrevivência devido ao colapso econômico, resultando em situações em que possuem mais riqueza e criatividade que seus maridos. Isso levou à formação de grupos de apoio informal, predominantemente exercidos por mulheres, conforme a figura 2 a seguir.

Figura 2 - Relatório econômico sobre Angola (Mulheres *zungueiras*)



Fonte: Observador.pt (2015).

Em relação às mulheres *zungueiras*, Lopes (2006), aborda de que:

No exercício diário da sua atividade as zungueiras caminham à volta dos mercados e das estradas ou muitas ainda vendem de porta em porta, em instituições públicas, com os seus produtos em cestos, banheiras ou simplesmente nas mãos. O fato dessa categoria ser apresentada como um dos segmentos com menor status socioeconômico dentro das atividades comerciais de rua pode ser questionado, enquanto na sua atualidade, pelo seu dinamismo, muitas zungueiras conseguem obter o rendimento diário ou superior idêntico aos de mulheres e homens que exercem outra atividade, concorrendo para tal o tipo de produto comercializado bem como o volume de mercadoria que movimentam (Lopes, 2006, 176).

As *zungueiras*, mulheres empreendedoras em Angola, têm a liberdade de definir seus próprios horários e rotas de trabalho. A relação entre as trabalhadoras do mesmo setor cria uma atmosfera de colaboração e solidariedade diante dos desafios enfrentados, resultando em uma rede de sobrevivência mútua (Queiroz, 2016). Segundo Vaz (2018), em sua tese sobre *“As ‘sacoleiras’ a serviço do capital: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias”*, o sentido do trabalho nas comunidades africanas, como observado em Luanda e Bissau, é fundamental para a sobrevivência e resistência ao capital. Nesse sentido, o aumento do trabalho informal e temporário nos serviços e comércio é uma forma de enfrentar o subemprego urbano.

A falta de formação técnica, planejamento familiar e a crise econômica levaram muitos angolanos a optarem por atividades informais para sobreviver. A economia informal cresceu significativamente no país, com mais de 60% das famílias dependendo dela para obter rendimentos. Conforme Francisco (2019, p. 46), “[...] as *zungueiras* são as principais responsáveis pelo sustento da família e são também, ao mesmo tempo, as que têm menos oportunidades no mercado de trabalho de Angola. Por isso continuam a ser elas a maioria nesta atividade informal”.

A despeito disso, Segunda (2024) destaca que, em Angola, a taxa de empregos no mercado informal representa 94,1% do total de empregos, sendo 89,5% no setor não agrícola. As mulheres têm uma presença maior no emprego informal em unidades econômicas informais, especialmente em áreas rurais. Por outro lado, os homens são mais prevalentes no emprego informal, no setor formal e nas áreas urbanas. O emprego informal em domicílios é praticado principalmente por mulheres nas áreas urbanas. Esses dados refletem as disparidades de gênero e a distribuição desigual do trabalho informal em Angola. Acredita-se que a falta de investimentos em empregabilidade empresarial resulte em empregos de baixa qualidade, contribuindo para o aumento do desemprego e da pobreza. A globalização impulsiona o trabalho feminino em Angola, levando muitas mulheres a empreenderem no

mercado informal e formal. Apesar de seu papel fundamental na economia e sociedade, elas enfrentam desafios de acesso igualitário ao mercado de trabalho, sendo maioria no setor informal. Consoante André (2022), o mercado de trabalho em Angola é inacessível para grande parte da população, levando-os a buscar meios de sobrevivência no setor informal. O circuito inferior é, portanto, essencial para a sustentação de milhões de angolanos que dependem dele para sobreviver.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DEMOGRÁFICA E PANORÂMICA DA ECONOMIA ANGOLANA

Angola é um país localizado na região ocidental da África austral, com 1.246.700 km² de área. Possui 21 províncias e uma população de 35.000.000 milhões de habitantes, concentradas principalmente na costa e no planalto central. Sua capital econômica e política é Luanda. Faz fronteira ao norte com a República Democrática do Congo, ao leste com a Zâmbia, ao sul com a Namíbia e a oeste com o Oceano Atlântico. A moeda oficial é o Kwanza e o Português é a língua oficial, com cerca de 42 línguas nacionais. O clima do país tem duas estações, a das chuvas e a do Cacimbo. Angola é um país com uma localização geográfica especial, com duas regiões climáticas distintas: a região litoral, com alta umidade e temperaturas médias altas, e a região do interior, dividida em Zona Norte, Zona de Altitude e Zona Sudoeste, com diferentes características climáticas. As temperaturas médias do país variam entre 27 °C e 17 °C. Essa diversidade climática proporciona um potencial turístico com rica flora e fauna, ideal para atividades de lazer e aventuras (Ine, 2024).

receitas do estado angolano, contribuindo com 42% do PIB do país. Somando-se isso ao fator da instabilidade, muito bem fundamentada pelo Shankleman (2006, p. 103), quando afirma que:

[...] os conflitos políticos e militares na região, resultante de uma guerra fria, impossibilitou o aproveitamento de suas fontes de energia para causas como a redução da pobreza e a erradicação dos desequilíbrios”, outros afirmam que a corrupção massiva também está por de trás da “perda de receitas petrolíferas.

Durante os períodos de grandes oscilações no preço do petróleo, a economia de Angola sofreu significativamente ao longo do século XXI. O Banco Mundial prevê que o setor petrolífero será fortemente afetado pelos impactos indiretos da queda nos preços do petróleo, incluindo redução das importações, condições de financiamento mais restritas, depreciação cambial e restrições nos movimentos de bens e pessoas. A falta de investimento e de tecnologia tem afetado a economia angolana, resultando na significativa dependência de importações de combustíveis e derivados do petróleo. Setores como agricultura, pecuária, caça, floresta e pesca são os principais empregadores no país, seguidos pelos de serviços e indústrias. Angola apresenta uma estrutura econômica predominantemente rural, com a maioria dos empregados atuando nessas áreas (Ine, 2019).

Segundo Ceic (2017), acredita-se que a situação da queda do petróleo e a desvalorização do Kwanza em Angola, desde que se deu a crise econômica no período de 2014, tem levado várias famílias a situações precárias. Além disso, a falta de produções locais influencia na estagnação da economia no mercado angolano e internacional. Nessa mesma percepção, Shaxson (2021) assevera que, em relação à estrutura econômica do Estado angolano, o país tem como a sua principal receita baseada em recursos naturais, como diamantes e petróleo, dando menos atenção a outros produtos internos no país para o crescimento da economia.

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEC (2019) destaca que a dependência econômica total que o Estado angolano tem concernente ao petróleo se configura como grande problema. Embora haja vários recursos naturais disponíveis para serem explorados, o petróleo tem sido a maior receita do Estado. Com 7% das reservas mundiais e ocupando o 11º lugar no ranking da OPEP, Angola gerou uma receita de US\$38 bilhões em 2018, totalizando 92,4% das exportações gerais de Angola, sendo que qualquer mudança do preço do petróleo na arena internacional impacta na economia angolana.

Mas, conforme o Plano de Desenvolvimento Nacional (2018) ressalta, há 10 anos as atividades petrolíferas foram especificamente cruciais para o crescimento econômico de Angola, devido sua importância nas receitas fiscais e exportações. No entanto, destaca-se que, no período de 2013-2017, o setor não petrolífero no mercado angolano obteve um crescimento médio estimado de 1,2%, enquanto os produtos petrolíferos na época obtiveram uma queda. A diversificação setorial tem sido fundamental para sustentar o crescimento econômico, embora de forma modesta em comparação a outros países da África Subsaariana.

Noutra dimensão, o crescimento econômico no mercado interno foi impulsionado pelos setores agrícolas, energia, industrial e construção até meados de 2015, reforçando que a mudança estrutural na economia de Angola ainda teve os efeitos desejados na diversificação das receitas fiscais e exportações. O crescimento econômico angolano atingiu 9,2% ao ano devido ao setor não petrolífero, que cresceu 12% neste período.

O setor petrolífero representa um terço do PIB e mais de 90% das exportações. A transição para um modelo de crescimento liderado pelo setor privado é um processo complexo e de longo prazo. O PIB angolano em 2021 teve um aumento significativo de 11,4%, por meio do grande volume de exportações do petróleo. As reformas fiscais contribuíram também para o crescimento do PIB nacional no que diz respeito à implementação do imposto. Santos (2018) discute a necessidade de diversificação da economia angolana, superando o modelo de economia de enclave. A participação nas cadeias globais de valores é fundamental para esse processo, como destacado por Kaplinsky e Santos-Paulino (2006) em seus estudos sobre industrialização. O livro "*A handbook of industrialization*" pode oferecer percepções sobre estratégias para aumentar essa participação. A integração de Angola nas cadeias globais de valor pode trazer oportunidades de desenvolvimento econômico e social, como aumento do investimento estrangeiro direto, transferência de tecnologia, criação de empregos e aumento da competitividade empresarial. Para isso, são necessárias políticas que incentivem a diversificação econômica, melhorem a infraestrutura, promovam a capacitação técnica e reduzam a burocracia.

4 A (INTER)DEPENDÊNCIA E A NEGOCIAÇÃO PARA ALÉM DO XADREZ CONVENCIONAL

Por se tratar de uma manifestação de trabalho específica de mulheres angolanas, não significa que está restrito à dimensão local ou territorialidade, ao contrário, há um

entrelaçamento regional e internacional que permeia a dinâmica econômica. Destarte, pelo fato de o país não ser uma força produtora de produtos de primeira necessidade, em especial os alimentos, obriga as *zungueiras* a espalharem produtos aos consumidores finais, conectando-se com as dinâmicas da globalização. Nesse sentido, um fenômeno voltado a problematizar o “global” é importante para o estudo de relações internacionais e como objeto, a disciplina está preocupada em acompanhar os “[...]acontecimentos e fenômenos que existem e interagem no sistema internacional, ou seja, além das fronteiras domésticas das sociedades (Jackson; Robert; Sorensen, 2012, p. 15).

Concernente à disciplina de relações internacionais, conforme Jackson *et al.* (2012): “[...] trata-se de uma disciplina dedicada à análise que acontece “no mundo de fora” destas sociedades, avaliando suas interações, o surgimento de novos atores internacionais e fluxos diversos do cenário mundial”.

Assim sendo, no plano de historicidade, a disciplina de relações internacionais, que surgiu nos Estados Unidos, alicerçada na *hard science* (núcleo duro) das ciências políticas e ciências sociais, teve suas concepções metodológicas baseadas no positivismo e no behaviorismo, que saíram fortalecidos. Em função disso, o sistema internacional foi amplamente moldado e influenciado pelo realismo, essencialmente pelo protagonismo do Estado, que, para atender ao então contexto de clima de tensão no cenário da Segunda Guerra Mundial, investiu-se na razão instrumental focada no sujeito dominante contra um objeto dominado (sociedades oprimidas).

É uma demonstração de dominação de força convencional, que neste estudo se busca superar a partir do paradigma pós-positivista, trazendo à luz o diálogo na busca pelo entendimento, tanto no interior do tabuleiro quanto entre os tabuleiros, o que pressupõe a necessidade de tolerância e pluralidade em diversas esferas da economia e da sociedade, as quais, na prática, são complementares e permeáveis.

Desse modo, devido à complexidade do sistema internacional impulsionado pela era da globalização e da compressão “tempo-espço”, os estudos posteriores demonstraram que “o Estado Nação não é o único ator internacional das relações internacionais” (Rodrigues, 2004, p. 42), pois, nessa reflexão sobre o debate do sistema internacional mediante as negociações, há que se ressaltar que o construtivismo (Adler, 1999, p. 205) contribui significativamente para a supressão da ideia estanque da realidade, pautando pelo diálogo.

Para construtivistas “[...] o modo pelo qual o mundo material forma a, e é formado pela, ação e interação humana depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material” (Adler, 1999, p. 205). De igual modo, no independentismo, Rodrigues

(2004) argumenta que a negociação “[...] não pode ser vista como um jogo de xadrez convencional. Porque, reconhecendo-se o poder e a influência dos atores não-governamentais, o jogo precisaria ter mais de um tabuleiro para ser compreendido” como explica o autor:

Primeiro tabuleiro: o das negociações internacionais, onde o estado negocia posições com seus pares; o segundo o das negociações transnacionais, onde o governo negocia com os atores domésticos (sociedade civil, empresas nacionais e multinacionais, sindicatos, burocracia etc.). Num mundo globalizado, a permanente interação entre o primeiro e o segundo tabuleiros, um exercendo influência sobre o outro, é inevitável (Rodrigues, 2004, p. 42).

Com base no excerto acima (Rodrigues, 2004), observa-se que é inquestionável o reconhecimento das empresas multinacionais como as grandes corporações que controlam a cadeia produtiva em diversos segmentos, como têxteis e alimentos, entre outros. Essas corporações ocupam a estrutura superior e dominante da economia, representando uma parte do setor da economia formal, enquanto as *zungueiras*, como membros do setor da economia informal, complementam essa estrutura, sendo interdependentes. Isso ressalta que a relação de exploração é observada na retroalimentação provocada pela ação das *zungueiras*, como compradoras e vendedoras de mercadorias fabricadas pelas empresas transnacionais, especialmente no setor alimentício:

[...] o progresso tecnológico, que aumentou as possibilidades e eficiência dos meios de comunicação e transporte, reduziu as distâncias físicas do planeta e aumentou os intercâmbios demográficos, econômicos e culturais. Diante de tais mutações, os internacionalistas começaram a buscar fora das concepções realistas a explicação para os fenômenos internacionais que cada vez mais ganhavam espaço (Rodrigues, 2004, p. 38).

A questão do progresso técnico, destacada acima (Rodrigues, 2004), nas empresas estruturadas em escoamento de produtos, representa o circuito superior da economia; por outro lado, há o circuito inferior da economia, constituído por trabalhadoras autônomas em segmentos informais, como as *zungueiras*. No entanto, no cenário internacional das negociações, a hierarquização entre os atores é evidente, enquanto as trabalhadoras do setor da economia informal, as *zungueiras*, atuam como representantes sem custo do capital, prestando serviços para grandes empresas e tornando-se agentes invisíveis da globalização.

As relações sociais estruturais analisadas cancelam a tese de Ribeiro (2010, p. 21), quando informa, de modo assertivo, que “[...] existem milhões de pessoas em todo o mundo direta ou indiretamente envolvidas com o que denomino ‘globalização econômica de baixo para cima’ ou ‘globalização popular’, como produtores, vendedores ou consumidores”. Outro

fator a se considerar é que os espaços deixados por circuitos superiores são ocupados estruturalmente por trabalhadores autônomos e/ou informais, reforçando o circuito inferior. Desse modo, com base na revisão atualizada da classe trabalhadora atualmente, observa-se que as *zungueiras*, embora não sejam assalariadas, assumem um papel de protagonismo na economia e integram a classe-que-vive-do-trabalho (Antunes, 2009, p. 102), pois estão subordinadas ao capital, a exemplo de vendedores ambulantes, microempresárias, entre outros.

Outro fator importante a desvelar esse fenômeno é o conceito circuito informal da economia urbana do Autor Milton Santos (2008), que serviu de base de apoio para este estudo, adequando-o ao contexto angolano. Santos (2008) descreve a dialética da globalização da economia global ao observar dois subsistemas: os 'circuitos superiores ou modernos' e os 'circuitos inferiores'. Com base nisso, este estudo se estrutura a partir de objetivos específicos que consistem em: identificar os setores mais dinâmicos da economia angolana nesse contexto; avaliar os desafios e oportunidades enfrentados pela economia informal em Angola; propor estratégias para consolidar a participação de Angola nos circuitos informais; e analisar a contribuição da economia informal para o desenvolvimento econômico sustentável do país.

Para Lobo (2021), as mulheres *zungueiras* são vítimas de violência institucional no mercado angolano devido à falta de proteção legal, já que não possuem atividade formal. No entanto, elas são importantes na sociedade angolana, representando a resiliência e o legado cultural. As *zungueiras* são vendedoras ambulantes que contribuem para a economia informal e desempenham um papel vital como agentes econômicos intermediários.

Sua presença nas ruas revitaliza o comércio local, oferecendo uma variedade de produtos e serviços em áreas onde o acesso ao comércio formal é limitado. Isso impulsiona a economia local e estimula a atividade empresarial em certas regiões. As *zungueiras* também desempenham um papel importante no empoderamento econômico das mulheres, muitas vezes sendo a principal fonte de renda da família e desfrutando de autonomia financeira, o que ajuda a mitigar os impactos da pobreza e fortalecer a economia nacional. Porém, observando a partir de perspectiva de regulamentações públicas, enfrentam desafios, como falta de regulamentação, condições de trabalho inseguras, benefícios sociais, dificuldades de acesso a benefícios sociais e oportunidades de desenvolvimento profissional.

5 CIRCUITO INFORMAL DA ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO

O reconhecimento da existência de dois circuitos da economia ao nível doméstico e no cenário internacional abre espaço para o diálogo da atual conjuntura da globalização. Este subcapítulo ilumina a modalidade de trabalho protagonizada por mulheres que atuam no circuito inferior da economia. Embora essas mulheres não tenham domínio sobre o sistema, elas operam de modo espontâneo, comprando de varejistas e revendendo aos consumidores finais. Estudos recentes definem essa prática como 'economia da vida', em referência ao trabalho ancestral transmitido de geração em geração. Conforme mencionado anteriormente, para Santos (2008), os dois circuitos da economia estão intrinsecamente conectados: enquanto o circuito superior se origina diretamente da modernização, o circuito inferior ocupa uma posição tradicional, sendo duas faces de uma mesma moeda.

O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior, formado por atividades de pequena dimensão, é interessado e mantém relações privilegiadas com sua região [...]. Cada circuito constitui, em si, um sistema, ou antes, um subsistema do sistema urbano [...] (Santos, 1979, p. 16).

Desses elementos que norteiam a pesquisa, dois fatores são merecedores de destaque: o circuito superior está relacionado ao monopólio, com as dinâmicas engendradas da globalização; o circuito inferior atende às atividades de pequena dimensão. No que concerne a esse processo, Gereffi (1994) sustenta que, tanto os grandes produtores como os grandes compradores (*varejistas*) podem controlar o sistema, constituindo as estruturas essenciais de cadeia de valores, ao afirmar que existem duas tipologias de governança: *producer-driven* (cadeias produtivas controladas pelo produtor) e *buyer-driven* (cadeias produtivas controladas pelo comprador). Com base nelas, a cadeia global de valores (*de commodities*) se constitui no processo de globalização. O termo *commodity* é utilizado pelo autor como sinônimo de mercadoria, como têxteis, minérios entre outros. Keller (2002) aborda os dois principais processos do mercado capitalista: a acumulação de valores na produção e a mercantilização no consumo. Ele destaca a preocupação do sistema econômico com o aumento da riqueza e da produtividade. Já Leite (1994) descreve o fordismo como um modo de acumulação do capital, com a produção em massa de mercadorias padronizadas. Essa forma de produção visava reduzir custos e utilizar tecnologias de automação e economias de escala.

A atividade dos operadores informais pode incentivar a inovação nas empresas formais, possibilitando um aumento na oferta de bens e serviços. No entanto, se as autoridades não considerarem os benefícios dessa atividade, pode haver consequências negativas para a competitividade nos mercados. A colaboração de todos os agentes econômicos é essencial para o funcionamento do sistema, representando a importância de cada interveniente, desde o grossista até a mulher *zungueira*. No entanto, relações de poder são evidentes entre os diferentes estratos, resultando em marginalização da mulher *zungueira* pelas classes dominantes. O mercado informal é organizado, embora possa parecer estratificado em células. Nesses espaços, segmentos com características específicas atuam em uma espécie de divisão social de funções para atender aos consumidores finais.

Não obstante, observa-se um interesse significativo na temática dos fluxos de mercadorias no comércio global e na maneira como a demanda e exploração dos serviços das *zungueiras* têm proporcionado maior dinamismo entre as economias envolvidas no processo de desenvolvimento econômico. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a economia angolana também tem passado por diversas transformações nas últimas décadas, não apenas em termos de um crescimento econômico sem precedentes, mas especialmente no contexto do circuito inferior da globalização, absorvendo diversas formas de trabalho, especialmente dos trabalhadores autônomos e informais. Contudo, Keller (2002) argumenta que a globalização econômica apresenta desafios em relação à integração econômica mundial e a influência das economias nacionais. Economias nacionais são forças globais importantes.

A despeito disso, é fundamental compreender que essa abordagem oferece uma perspectiva analítica e profunda da própria dinâmica do “capitalismo dependente” e “tardio” impulsionado pelas estruturas atuais do processo de globalização marcado pela sucessão de expansões materiais e financeiras entre as economias ditas centrais, semiperiféricas e as periféricas que em prática se coadunam de forma intrínseca (Wallerstein, 1991). Nesse contexto, Martins (2015) denuncia as contradições da economia do sistema mundo capitalista, constituído pela divisão do mundo em três níveis hierárquicos - centro, periferia e semiperiferia, bem como as “[...] consequências dessa estrutura manifestadas na divisão internacional do trabalho, na exploração dos recursos naturais” (Martins, 2015, p. 95). Cabe destacar que se trata de uma abordagem crítica ao modelo de globalização pelo modo como ela se configura no sistema internacional contemporâneo, denominado por Immanuel Wallerstein (1991) como sistema-mundo capitalista, abarcado pelas relações multilaterais de trocas de mão de obra, serviços e matérias-primas entre economias ditas centrais,

semiperiféricas e as periféricas. Uma relação vertical de troca observada na interpretação dos teóricos da dependência (Santos *apud* Katz, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que as *zungueiras* desempenham um papel fundamental na economia angolana. Essas trabalhadoras enfrentam desafios, como falta de proteção laboral e vulnerabilidade às condições precárias de trabalho.

É fundamental desenvolver políticas públicas que reconheçam e valorizem o trabalho das *zungueiras*, garantindo seus direitos e promovendo oportunidades de formação e formalização para fortalecer a economia e promover a igualdade de gênero em Angola. Dito de outra maneira, para enfrentar esses desafios, é necessário que o governo angolano e outros atores econômicos adotem medidas que garantam proteção social, formação profissional e oportunidades de crescimento para as *zungueiras* e outros trabalhadores informais. Isso promoverá um ambiente econômico mais justo, inclusivo e igualitário, fortalecendo a economia do país e contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

É importante considerar o impacto do mercado informal na economia angolana sob a ótica das relações internacionais, essencialmente a atuação das *zungueiras* no mercado informal pode influenciar as relações comerciais de Angola com outros países, bem como a disputa no entorno do espaço urbano e maneira como são expostos os produtos na beira de estrada, tendem a gerar o constrangimento urbano. Políticas públicas devem levar em conta não apenas aspectos econômicos internos. Por isso, estudar esse tema mais a fundo é essencial para identificar, em estudos comparativos com outros países, as políticas públicas adotadas para suprir a demanda das mulheres, bem como para buscar oportunidades de cooperação e desenvolvimento econômico que beneficiem Angola e suas relações internacionais.

REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. **O construtivismo no estudo das Relações Internacionais**. Lua Nova, n. 47, p. 201-246, 1999.

ANDRÉ, Áurea Bianca Vasconcelos. **Comércio informal e cidade: estudo de caso das zungueiras em Luanda Angola**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). (2022)

ANGOLA. **Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022**. Vol. 1. 2018. Disponível em: https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/angola_pdn_2018-2022.pdf. Acesso em: 2 Abr. 2024.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANGOLA, CEIC (2016). **Relatório Económico de Angola 2015**. Luanda: Web site: www.ucan.edu. pp. 17-249.

CHIVINDA, Berta Benedita Canhanga. Mulher Zungueira. 2015.

DOS SANTOS, Theotonio. **A teoria da dependência**: um balanço histórico e teórico. Florianópolis: Insular livros, 2020.

DUCADOS, Henda Lucia; FERREIRA, Manuel Ennes. **O financiamento informal e as estratégias de sobrevivência económica das mulheres em Angola**: a Kixikila no município do Sambizanga (Luanda). Documentos de Trabalho nº53, CEsa, Lisboa, 1998.

FRANCISCO, Níria Joaquina de Almeida. **A gestão de sobrevivência no mercado informal de São Paulo em Luanda**: o caso das zungueiras. 2019. Dissertação de Mestrado em Gestão de Empresas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2019.

GEREFFI, Gary. **Global commodity chains (Introduction)**. In: GEREFFI, Gary & KORZENIEWICZ, Miguel. **Commodity chains and global capitalism**. Westport /London: Praeger, 1994.

GEREFFI, Gary *et al.* **Introduction**: globalisation, value chains and development. IDS Bulletin. 32, n. 3, p. 1–8, 2001.

GEREFFI, G., Humphrey, J., & STURGEON, T. *‘Review of International Political Economy’*, 12(1), 78-104, 2005.

GRUPO BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO. **Perspetiva Económica de Angola**. 2022. Disponível em: [Perspetiva Económica de Angola | Banco Africano de Desenvolvimento](#). Acesso em: 27 Abr. 2024.

INMETRO. **Barreiras Técnicas as Exportações**. 2009.

INE. **Pobreza Multidimensional nos Municípios de Angola**. 2019.

JACKSON, Robert & SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2007.

KAPLINSKY, R., & Santos-Paulino, A. U. **A handbook of industrialization**. Edward Elgar Publishing. 2006.

KATZ, Claudio. **A Teoria da Dependência: 50 anos depois**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

KELLER, Paulo. **Capitalismo Global e reorganização da cadeia têxtil-confecção: uma revisão bibliográfica.** 2002.

KELLER, Paulo F. Cadeia de valor. In: CATTANI, A.D. **Dicionário de trabalho e tecnologia.** Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2006.

LEITE, Márcia de Paula. **O futuro do trabalho.** São Paulo: Scritta, 1994.

LOBO, Márcia de Castro Chimba N'Ginga Kosi. **O EMPODERAMENTO DA MULHER ZUNQUEIRA Proposta de uma Cooperativa.** Dissertação de Mestrado de Estudos sobre as Mulheres. As Mulheres na Sociedade e na Cultura. Julho, 2021.

LOPES, C.M. «**A economia informal em Angola: breve panorâmica**». Revista Angolana de Sociologia, 2014, pp 61-75, Luanda. <https://doi.org/10.4000/ras.1094>.

MARTINS, J. R. **Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual?** Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales (V), pp. 95-108. 2015. Recuperado de <http://iberoamericasocial.com/immanuel-wallerstein-e-o-sistema-mundouma-teoria-ainda-atual/>.

MONTEIRO, Indira Lazarine Catoto. Modos de vida e de trabalho das mulheres que zungam em Luanda. Dissertação Mestrado em Serviço Social. 2012.

NGULUVE, Alberto, Kapitango. **Política Educacional Angolana: organizações, desenvolvimento e perspectivas.** São Paulo, SP: s.n 2006.

OPEC - **Relatório Mensal do Mercado de Petróleo 2019.** Disponível em: <https://observador.pt/2019/09/11/opec-reve-em-baixa-consumo-de-petroleo-para-2019-e2020/>.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico.** In: São Paulo, 2006, p. 12-19.

QUEIROZ, Laís Helena Custódio Rodrigues de. **Entre legados coloniais e agências: as zungueiras na produção do espaço urbano de Luanda.** 2016. 131 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sociedade e Cooperação Internacional) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 25 n° 74, outubro/2010.

RODRIGUES, Gilberto M. A. **O que são relações internacionais.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

SACHS, Jeffrey. **Common wealth** – Um novo modelo para a economia mundial, Casa das letras, Lisboa-Portugal. 2008.

SANTOS, Ana de Sousa. “Quitadeiras e quitandas de Luanda”, Separata da Revista do Instituto de Investigação Científica de Angola. 1967. vol. 4.

SANTOS, M. (2018). **Angola:** da economia de enclave à diversificação produtiva. *Revista de Economia Contemporânea*, 22(2), 1-24.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Tradução Myrna T. Rego Viana. 2. ed., 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 a. (Coleção Milton Santos; 4).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SEGUNDA, José Rodrigues Jamba. **Desigualdade de gênero na diplomacia brasileira.** 2023. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023.

SEGUNDA, José Rodrigues Jamba. **Juventude e vulnerabilidades sociais em Luanda-Angola.** Orientador: Dr. Carlos Eduardo Freitas Moraes. 2024. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SHAXSON, N. **Oil and capital flight:** the case of Angola. Political Economy Research Institute (PERI), University of Massachusetts at Amherst. 2021.

UNCTAD. **World Investment Report 2020:** International Production Beyond the Pandemic. 2020.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital:** um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias. Tese (doutorado) -Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.

VAZ, Paulo Gomes. **As muambeiras nos subterrâneos das cadeias globais de mercadorias:** O caso das Sacoleiras Africanas no circuito comercial entre São Paulo (Brás) e Angola. *Cadernos CERU*, v. 24, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/87214> acesso: 07 de maio de 2024

VINEVALE, Doriana Martinha. **Mulheres angolanas, gênero e participação políticas:** uma análise crítica a partir dos paradigmas epistemológicos Africana. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

VISENTINI, PGF. Independência, marginalização e reafirmação da África (1957-2007). In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 123-137. ISBN 978-85-386-0383-2

WALLERSTEIN, Immanuel. **Impensar a Ciência Social:** Os limites dos paradigmas do século XIX. Ideias & Letras, 2006.

WORLD BANK. Angola **Economic Update:** From Crisis to Sustainable Growth. 2019.